

**U. PORTO**



FACULDADE DE DESPORTO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

***Experts, o seu trilho no Futebol Micaelense:***  
**Análise dos jogadores da Associação de Futebol de Ponta  
Delgada nascidos entre 1985 e 1990.**

Filipe Tavares da Silva Marinho

Porto, 2009



***Experts, o seu trilho no Futebol Micaelense:***

**Análise dos jogadores da Associação de Futebol de  
Ponta Delgada nascidos entre 1985 e 1990.**

Monografia realizada no âmbito da disciplina  
de Seminário do 5º ano da licenciatura em  
Desporto e Educação Física, na opção de  
Futebol, da Faculdade de Desporto da  
Universidade do Porto

Orientador: Prof. Doutor José Augusto Rodrigues dos Santos

Filipe Tavares da Silva Marinho

Porto 2009

Marinho, F. (2009). *Experts, o seu trilha no Futebol Micaelense: Análise dos jogadores da Associação de Futebol de Ponta Delgada nascidos entre 1985 e 1990*. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

**PALAVRAS-CHAVE:** FUTEBOL, FORMAÇÃO, TALENTO, EXPERTISE, PERCURSO.

## **Agradecimentos**

Aos meus pais...

A quem nem o Atlântico pode separar de mim...

...a todos, o meu Muito Obrigado!



## Índice Geral

1	Introdução.....	3
2	Revisão de Literatura .....	7
2.1.	Talento .....	7
2.1.1.	Quem são eles?.....	7
2.1.2.	Como alcançar o topo... a <i>expertise!</i> .....	9
2.1.5.	As míticas 10 000 horas.....	13
2.2.	Formação .....	15
2.2.1.	A construção do talento .....	16
2.3.1.	Formação desportiva .....	16
2.2.2.	Agentes desportivos (pais, treinadores, dirigentes desportivos)...	18
2.2.2.	Etapas da Formação.....	21
2.4.	Percurso Desportivo e Resultados Desportivos .....	28
3	Objectivos e Hipóteses.....	33
3.1.	Objectivo Geral .....	33
3.2.	Objectivos Específicos .....	33
3.3.	Hipóteses .....	33
4	Material e Métodos .....	37
4.1.	Amostra .....	37
4.1.1.	Caracterização da amostra .....	37
4.2.	Procedimentos Metodológicos .....	37
4.2.1.	Autorizações .....	37
4.2.2.	Recolha de Dados .....	38
4.2.3.	Instrumentos .....	39

4.3. Procedimentos Estatísticos .....	39
5 Resultados.....	43
6 Discussão dos Resultados .....	55
7 Conclusões e Sugestões.....	65
7.1. Conclusões .....	65
6.2. Sugestões .....	66
8 Referências Bibliográficas .....	69

## Índice de Figuras

<b>Figura 1:</b> Percentagem de jogadores inscritos nas Divisões Nacionais no Futebol sénior.....	44
<b>Figura 2:</b> Escalão em que dos jogadores inscritos nas Divisões do Futebol sénior nascidos entre 1985 e 1990, iniciaram a sua formação desportiva. ....	44
<b>Figura 3:</b> Relação do Início de prática dos jogadores, com as Divisões Nacionais alcançadas no Futebol sénior. ....	45
<b>Figura 4:</b> Divisões Nacionais alcançadas no primeiro ano de Futebol sénior com jogadores nascidos entre 1985 e 1990. ....	47
<b>Figura 5:</b> Divisões alcançadas após atingirem no primeiro ano de Futebol sénior uma equipa da 2 <sup>a</sup> Divisão Nacional. ....	48
<b>Figura 6:</b> Divisões alcançadas após atingirem no primeiro ano de Futebol sénior uma equipa da 3 <sup>a</sup> Divisão nacional. ....	49
<b>Figura 7:</b> Divisões alcançadas após atingirem no primeiro ano de Futebol sénior uma equipa da Divisão Distrital.....	50



## Índice de Quadros

<b>Quadro 1:</b> Número de jogadores inscritos na AFPD nascidos entre 1985 e 1990 nas as épocas de 2000/2001 até Setembro de 2009.....	38
<b>Quadro 2:</b> Distribuição dos jogadores por escalão, inscritos na AFPD nascidos entre 1985 e 1990 nas as épocas de 2000/2001 até Setembro de 2009.....	38
<b>Quadro 3:</b> Distribuição dos jogadores seniores por Divisão, inscritos na AFPD nascidos entre 1985 e 1990 nas épocas de 2000/2001 até Setembro de 2009. ....	39
<b>Quadro 4:</b> Número de jogadores que atingiram o escalão sénior, nascidos entre 1985 e 1990 nas épocas 2004/2005 a Setembro de 2009.....	43



## Resumo

A identificação das características determinantes da *performance* de excelência tem sido uma das preocupações dominantes da investigação no Futebol nos últimos anos. Com este cenário, e devido ao nosso envolvimento na área do Futebol, despertou-nos o interesse em saber de que forma tal envolvimento na área da formação vem ocorrendo na ilha de São Miguel no arquipélago dos Açores.

Deste modo, o presente trabalho tem como finalidade analisar o percurso dos jogadores aludidos como “talentos” na ilha de São Miguel, inscritos na Associação Futebol de Ponta Delgada.

Para tal foram contabilizados todos os jogadores nascidos entre 1985 e 1990 inscritos na AFPD e analisados os Campeonatos Distritais e Nacionais das épocas de 2000/2001 até 2009, de forma a perceber quantos jogadores iniciaram o seu percurso em escalões de formação e quantos destes conseguiram alcançar uma equipa sénior numa Divisão Nacional.

Determinamos que a excelência de um jogador a nível profissional seria traduzida pela sua participação numa equipa sénior de uma Divisão Nacional (2º Divisão Nacional e 3º Divisão Nacional).

Variadas conclusões foram tiradas através da análise dos dados recolhidos, uma delas foi que apenas 10.2% dos jogadores inscritos na AFPD que se evidenciaram na formação, atingiram a excelência numa equipa sénior.

**PALAVRAS-CHAVE:** FUTEBOL, FORMAÇÃO, TALENTO, EXPERTISE, PERCURSO/RESULTADOS DESPORTIVOS.



## **Abstract**

The identification of the characteristics that determine the excellence of the performance has been one of the major concerns of research in football in recent years. However, the functional and structural nature of football makes it difficult to define what prevailing constraints exist for an athlete to reach the "expertise".

With all this background, and because of our involvement in the area of football, emerged a great interest in knowing how involvement in training age groups has been occurring on the island of Sao Miguel in the Azores.

Thus, this study aims to examine the route of the players alluded as "talent" on the island of Sao Miguel, subscribers in the Football Association of Ponta Delgada (AFPD), to find out the relationship between the route and its stability in the training age groups and achieve a senior professional team in a national or international division.

To achieve these purposes we used the analysis of seasons between 2000/2001 until September 2009 of district and national championships and the players born between 1985 and 1990.

In this study we established that the excellence in a professional level would be translated by participation in a senior team of a national division (2nd national division and 3rd national division).

By analyzing the data collected, it was found that only a small percentage of players registered in AFPD that as evidenced in the training age groups, achieved excellence in the senior team.

**KEY-WORDS:** FOOTBALL, FORMATION, TALENT, EXPERTISE, JOURNEY



## Resumé

L'identification des caractéristiques qui déterminent l'excellence de la performance a été l'une des préoccupations majeures de l'investigation dans le football ces dernières années. Cependant, la nature fonctionnelle et structurelle du football, rendent difficile définir quelles sont les contraintes qui prévalent pour un athlète atteindre "l'expertise".

Ce contexte et notre engagement dans le domaine du football, ont suscité notre intérêt de connaître le développement de cet area de formation à l'île de S. Miguel aux Açores.

Ainsi, cette étude vise examiner le parcours des joueurs considérés des «talents» sur l'île de S. Miguel, inscrits dans la Fédération de Football de Ponta Delgada (AFPD) et, en particulier, connaître la relation entre le parcours et la stabilité des échelons de formation et le fait d'un joueur venir à intégrer une équipe sénior.

Pour parvenir à ces fins, nous avons utilisé l'analyse des époques entre 2000/2001 jusqu'à Septembre 2009 des championnats de district et nationaux des joueurs nés entre 1985 et 1990.

Dans cette étude, nous avons établi que l'excellence dans la formation serait traduite par la participation à une équipe de haute direction d'une division nationale (3e division nationale et 2ème division nationale).

Il a été constaté, en analysant les données recueillies, que seul un faible pourcentage de joueurs inscrits au AFPD, qui se sont éradiés dans la formation, atteignent l'excellence dans une équipe sénior.

**Mots-clés:** FOOTBALL, FORMATION, TALENT, EXPERTISE, RÉSULTATS SPORTIVES.



## **Lista de Abreviaturas e Símbolos**

AFPD – Associação de Futebol de Ponta Delgada.



## **CAPÍTULO I - Introdução**



# 1 Introdução

A formação de jogadores de futebol é actualmente um requisito fundamental para os clubes de rendimento superior a nível mundial, procurando através deste longo período de preparação, formar jogadores com qualidade para integrar as equipas seniores. É, então muito actual falar da problemática do desporto de formação e do futebol jovem em particular. Em São Miguel, este fenómeno é muitas vezes apreciado como parente pobre, devido a um desajustamento do próprio processo.

Como refere Leal e Quinta (2001), ao nível da formação, é necessário eliminar ou reduzir as lacunas, onde ainda são poucos os que singram, onde sobram os exemplos de Juniores de “top” que se transformam em seniores banais. O interesse por este assunto, assume particular destaque na ilha de São Miguel, onde se encontra o maior número de equipas Açorianas de Futebol em Campeonatos Nacionais e, onde o nível competitivo dos clubes tem vindo a aumentar nos últimos anos.

Contudo, este incremento ao nível competitivo das equipas açorianas, não significa um crescimento do nível dos jogadores micaelenses. Isto porque, tal como acontece nas restantes equipas do país, os clubes apostam, cada vez mais, em jogadores estrangeiros de pouca qualidade, bem como, nos jogadores continentais de média qualidade que procuram o melhor salário oferecido pelas equipas insulares.

A investigação sobre a formação de jogadores de futebol é um assunto relativamente recente a nível Nacional, no que se refere à sua análise a nível da Região Autónoma dos Açores é praticamente pioneiro. Como tal pensamos estar na presença de um tema que carece de investigação, pelo menos na área do Futebol. Deste modo, mediante a comparação entre as informações retiradas da revisão bibliográfica e na análise realizada nos jogadores inscritos na Associação de Futebol de Ponta Delgada (AFPD), nascidos entre 1985 e 1990, procurarmos perceber se os chamados “Talentos” alcançaram a

competição nas equipas seniores de uma Divisão Nacional. Isto é, através da análise do trabalho, conhecer as características do processo formativo, procurando perceber se estes jogadores depois de passarem pelas etapas de formação conseguem alcançar bons resultados, numa equipa sénior, tentando perceber a qualidade na formação dos jogadores na ilha.

O presente estudo está estruturado em sete capítulos, articulados entre si, e apresentação dos anexos, como exposto:

- Capítulo I – Introdução – Apresenta o enquadramento teórico e prático do trabalho, as razões da escolha do problema, realçando a pertinência do estudo e a estruturação do mesmo.
- Capítulo II – Revisão de Literatura – Define e caracteriza o talento desportivo bem como o jogador *expert*. Apresenta também as fases particulares nas etapas de Formação de um jogador.
- Capítulo III – Objectivos e Hipóteses – Apresentam-se os objectivos do trabalho, subdivididos em objectivos gerais e específicos, assim como as hipóteses a serem levantadas.
- Capítulo IV – Materiais e Métodos – Caracteriza a amostra estudada, descreve os processos metodológicos utilizados para a recolha dos dados e refere procedimentos estatísticos utilizados para o seu tratamento.
- Capítulo V – Apresentação dos Resultados – Apresenta principais resultados obtidos.
- Capítulo VI – Discussão dos Resultados – Discute os principais resultados obtidos.
- Capítulo VII – Conclusões e Sugestões – Apresenta as principais conclusões do trabalho com base na discussão desenvolvida no capítulo anterior, seguindo-se um conjunto de sugestões para temas de trabalhos de investigação futuros.
- Capítulo VIII – Referências Bibliográficas – Lista-se as referências bibliográficas consultadas para a fundamentação desta pesquisa.

## **CAPÍTULO II – Revisão de Literatura**



## 2 Revisão de Literatura

### 2.1. Talento

*“ Há jogadores capazes de fazer tudo bem (controlar, passar, fintar, rematar...) mas não sabem o que procuram ou não sabem o que procurar. Os grandes talentos sabem eleger e executar e costumam ser uma bênção para as equipas lineares.”*

Valdano (1997a: 161)

#### 2.1.1. Quem são eles?

O conceito de Talento foi e continua a ser objecto de estudo por muitos especialistas, não só no âmbito do desporto, mas também em diferentes áreas onde vem sendo continuamente aplicado.

Contudo, é delicado descrever uma definição sobre o conceito de Talento, revelando-se assim imprescindível, em primeiro lugar, estabelecer claramente o seu significado, assim como, conferir com outros termos comparados com o mesmo.

Se evocarmos, em primeiro lugar, ao Grande Dicionário da Língua Portuguesa (1981: p.445), entre distintas definições, o termo Talento define-se como “intelectualmente brilhante, inteligência superior que se afirma por méritos excepcionais; pessoa promissora ou dotada de inteligência invulgar; aptidão natural ou faculdade adquirida”. Confirmando, Léger (1986, cit. Costa, 2005) define, o talento como uma capacidade ou habilidade para uma actividade particular ou um determinado desporto, natural ou adquirida.

Corroborando as concepções supratranscritas Pérez afirma (1993, cit. Ruiz & Sanchez, 1997: p.235) que “os indivíduos sobredotados ou talentosos são aqueles que, pelas suas habilidades extraordinárias, são capazes de altas

realizações em áreas tais como a competência intelectual geral, capacidade académica, criatividade, liderança, competência artística e competência motriz”.

No contexto do desporto, e debruçando sobre o entendimento de Zatsiorski (1989: p.283) “o talento desportivo caracteriza-se por determinada combinação das capacidades motoras e psicológicas, assim como das capacidades anatomo-fisiológicas que criam, em conjunto, a possibilidade potencial para o ganho de altos resultados desportivos num desporto concreto”.

Consolidando o mesmo pensamento, talento desportivo para Gabler e Ruoff (1979, cit. Baur, 1993: p.6), é a condição “que em determinado estado da evolução se caracteriza por determinadas condições e pressupostos físicos e psíquicos, os quais, com muitas probabilidades, o levarão num momento sucessivo, a alcançar prestações de alto nível num determinado tipo de desporto”.

Contudo, a definição apresentada por Hahn (1988: p.98) parece ser, a mais adequada e factual, alegando que o talento desportivo “é uma competência acentuada numa direcção, superando a medida normal, que ainda não está de todo desenvolvida” e acrescenta ainda que “é a disposição acima do normal, de poder e querer realizar rendimentos elevados no campo do desporto”.

Assim, fica claro que possuir um grupo de diferentes capacidades e habilidades, não é o suficiente para o desportista, devendo este sim possuir, um alto nível de disposição o esforço e grande personalidade (Hahn, 1988). Esta ideia é a que, actualmente, se observa na literatura especializada, e que se destaca como aspecto fundamental e diferenciador entre os desportistas que alcançam um alto nível e os que não são capazes de o fazer.

### 2.1.2. Como alcançar o topo... a *expertise*!

*“alguém experimentado, ensinado a partir da prática, habilidoso, ágil, disposto; com facilidade para render a partir da prática”.*

*Durand-Bush & Salmela (1996: p.88)*

O termo *expert* é usado para descrever qualquer indivíduo que atingiu o seu desempenho superior através da instrução e da prática contínua, sendo o seu conhecimento específico do domínio em que se desenvolveu. Por outras palavras, segundo Ericsson (1996), é *expert* quem adquiriu uma habilidade especial ou conhecimento num domínio particular, através do treino profissional ou da experiência prática.

Ruiz & Sanchez (1997: p.236) adoptando o mesmo pensamento, referem ainda, que o *expert* ou especialista, “denota tempo, trabalho e correcta tutela e supervisão técnica, unido com a vontade do atleta de querer chegar ao ponto mais alto e o conhecimento necessário para consegui-lo, o que conduz à perícia”. Esta perícia ou *expertise* é facultada por estabilidade e mensurabilidade da performance durante longos períodos de tempo, Ericsson & Smith (1991).

No entanto, há quem advogue que na *expertise*, a competência de um indivíduo de uma certa actividade, depende da presença ou ausência de atributos que tem uma componente biológica inata, denominados por “dons”, “talentos” ou “aptidões naturais” (Howe et al., 1998). Segundo os mesmos autores, a crença de que alguém é naturalmente dotado ajuda a explicar o seu sucesso, apontando para a existência de qualidades inatas da pessoa que são vistas como promotoras e facilitadoras da aquisição de habilidades dentro de uma área particular de *expertise*.

Costa (2005) considera mesmo, ser um mito, crer-se que Talento seja determinado geneticamente, focando que os desempenhos de “excelência” apresentados pelos indivíduos, em áreas como o futebol, resultam do empenho investido nas experiências ao longo de vários anos de prática, permitindo-lhes alcançar melhorias extraordinárias. Este autor realça ainda, que é a qualidade do processo conjugada à quantidade, que permite a distinção entre os indivíduos com desempenhos de excelência e os demais.

É notório nas referências em cima citadas que em tão breve definição, o conceito de prática e experiência aparece várias vezes, o que denota que, para os autores desta perspectiva, o importante é o trabalho e a prática. Nesta medida, o desempenho superior dos *experts* assenta, basicamente, na experiência. No entanto, é importante referir que para obterem o estatuto de *expert*, os atletas/jogadores devem alcançar, através dessa mesma experiência, a excelência em quatro domínios: fisiológico, técnico, cognitivo (tático/estratégico; perceptual/de tomada de decisão) e emocional (Janelle e Hillman, 2003, cit. Ericsson e Starkes, 2003).

No **domínio fisiológico**, a aquisição do desempenho da elite é exclusivo do domínio do desporto, pois noutras áreas de *expertise* não tem qualquer relevância.

Por seu lado, o **domínio técnico** da *expertise*, refere-se ao grau de coordenação sensório-motora, do qual emergem modelos de movimento refinados, eficientes e efectivos. São vários os estudos que sugerem que estes modelos de movimento coordenados, refinados e eficientes aparecem, em grande parte, em função dos anos de treino prolongado e sistemático.

Janelle & Hillman (2003, cit. Ericsson & Starkes, 2003) em trabalhos realizados por outros autores, concluíram que em desportos como basebol, o voleibol, o futebol e o skate, ao contrário dos atletas/ jogadores não *experts*, os atletas/jogadores *experts* demonstravam vantagens específicas significativas

no reconhecimento, recordação e retenção de modelos, sendo esta capacidade proveniente do treino directo e repetido de uma tarefa, e não adquirida apenas através da aprendizagem pela observação de um acontecimento específico.

A **expertise cognitiva** pode subdividir-se em habilidades táticas e habilidades de tomada de decisão. O conhecimento tático e estratégico não envolve apenas a capacidade para determinar qual a estratégia mais apropriada numa determinada situação, mas também qual a estratégia que pode ser executada com sucesso dentro dos constrangimentos dos movimentos exigidos.

Com base nos estudos sobre a *expertise* de McPerson (1993; 1994; 1999; 2000), de French et al. (1995) e de French & Thomas (1987), Janelle & Hillman (2003, cit. Ericsson & Starkes, 2003) salientaram a existência de uma extensa base de conhecimento declarativo e processual. Esta base de conhecimento possibilita aos jogadores a extracção de respostas mais apropriadas, a partir dos quais os indivíduos *experts* formam estratégias táticas aumentando, assim a eficácia da sua tomada de decisão. Os mesmos autores acrescentam que esta base de conhecimento só é adquirida após um período amplo de prática deliberada.

Com efeito, a comparação efectuada por De Groot (1996, cit. Oliveira, 2004), entre *experts* e principiantes, permitiu constatar, também, que o que diferenciava os dois grupos era a capacidade de escolher o melhor caminho para a solução, sem considerar todos os outros caminhos possíveis.

Relativamente ao **domínio da expertise emocional** existe no contexto desportivo uma gama variada de emoções possíveis, desde o entusiasmo e prazer depois de um grande jogo, até á tristeza que se segue depois de um fraco desempenho. As emoções e a capacidade para as regular verdadeiramente, explicam uma grande parte da variação no desempenho desportivo, contudo, o conhecimento científico das emoções dos *experts* no desporto é praticamente inexistente. O domínio emocional está também,

intimamente relacionado com a *expertise*, pelo facto de este desempenhar um papel fulcral em aspectos em que os *experts* revelam superioridade, relacionados com a acção, a aprendizagem, a memória e as tomadas de decisão. Corroborando deste pensamento, Oliveira (2004) evidencia que a emoção também influencia a aprendizagem e os respectivos conhecimentos. Damásio (2000) reforça esta linha de pensamento, referindo que vários estudos comprovam que a recordação de factos é reforçado por determinantes emocionais nos momentos de aprendizagem. Jensen (2002, cit. Oliveira, 2004) salienta ainda que as emoções influenciam muito claramente as aprendizagens através da ajuda na construção de significados, no sentido da motivação e no comportamento cognitivo.

Parece-nos então evidente, que após analisar as características inerentes aos atletas *experts*, são numerosas as variáveis que contribuem para o seu desempenho superior, desde o conhecimento específico, à percepção, passando pela tomada de decisão e automatização de procedimentos (Oliveira, 2004) não esquecendo, claro, um vasto número de anos de experiência.

Com o decorrer do tempo, a ideia de que o nível de *expertise* de um jogador se deve a um talento inato, foi sendo substituída pela uma explicação de que a superioridade que caracteriza o *expert* está relacionada com a qualidade do processo e a quantidade de horas de prática em que este se empenha ao longo da sua vida, muito mais do que com qualquer herança genética.

Esta posição, é sustentada pela teoria da prática deliberada de Ericsson et al. (1993) que prescreve que o indivíduo necessita de se empenhar durante, pelo menos dez anos (10 anos) ou dez mil horas (10 000h) em actividades que aumentem o seu nível de desempenho, com esforço e concentração, não visando nunca o divertimento.

### 2.1.5. As míticas 10 000 horas

*“Treinar pouco não é sinónimo de treinar mal e tão pouco treinar muito significa trabalhar bem”*

*(Costa, 2005: p.63).*

*“...Se a prática fosse considerado o único determinante para alcançar o desempenho de elite, então, os treinadores limitar-se-iam a concentrar o seu trabalho no acesso a facilidades ou treinos específicos que contribuísem, efectivamente para maximizar o potencial do ambiente de prática”*

*(Helsen, Hodges, Winckel & Starkes, 2000).*

São vários os autores que reforçam e argumentam que a construção de talentos em diferentes domínios é fortemente condicionado por aspectos exógenos, dos quais, a elevada quantidade de estímulos e de prática, ao longo de vários anos, ganha especial relevo. Considera-se, por isso, uma relação positiva entre o número de anos de prática e a expressão do rendimento (Ericsson, 1996).

Seguindo o mesmo entendimento de outros autores, Salmela (1997: p.27) afirma que “a pedra angular do desenvolvimento da experiência é a prática sustentada e altamente estruturada com o princípio de melhorar o rendimento desportivo”.

Consolidando este pensamento, através de vários estudos (Georgescu, 1975; Matto, 1997; Martin, 1981; Navarro, 1989; Erickson et al., 1993) em diversas áreas (como cientistas, músicos, escritores, jogadores de xadrez, nadadores), muitos investigadores foram unânimes em considerar que os rendimentos desportivos mais elevados se alcançam após um período de treino prolongado

e duradouro. Salmela (1997) advoga ainda, o facto de se necessitar, no mínimo, de dez anos a aceder à categoria de *expert* em qualquer domínio.

Depois do que expusemos, parece inevitável questionar: A acumulação de prática, nomeadamente, as 10000 horas, está verdadeiramente relacionada com o nível de excelência alcançado? Nesse caso, como explicar aqueles que alcançam a *expertise* com pouca prática ou contrariamente aqueles em que, mesmo com muita prática não a conseguem alcançar?

Costa (2005), abona que talvez seja excessivo falar em 10 000 horas de prática como condição para se alcançar a «*expertise*», dado que todos os jogadores e ex-jogadores por ele entrevistados optam por realçar a importância da qualidade do processo ao qual foram sujeitos, em detrimento da quantidade do mesmo.

Starkes (2000), num estudo mais recente sobre as modalidades de hóquei e futebol, igualmente homologa desta teoria, certificando que os jogadores belgas *experts* (do sexo masculino) cumprem cerca de 10 000 horas na prática. Contrariamente, num estudo referente ao hóquei alemão, (Van Rossum, 2000, cit. Baker, et al., 2001) comprovou-se que os jogadores alemães não despendiam tantas horas a praticar como os atletas belgas e contudo, a equipa alemã acabou bem classificada nos campeonatos do mundo de 1990 e 1994, bem como, no campeonato europeu de 1995; venceu o torneio pré olímpico de 1996 e ganhou o título olímpico um ano mais tarde. Por sua vez, a equipa belga nem sequer ficou classificada para os Jogos Olímpicos de 1996; em 1998 a equipa alemã venceu o prestigiado “Champions Trophee”, convertendo-se deste modo, na primeira equipa da história a conseguir os três títulos internacionais mais concorridos. Parece-nos deste modo, evidente que, se os jogadores alemães obtiveram desempenhos qualitativos superiores com menos horas de prática, isso deve-se a qualidade da prática, mais do que à quantidade de horas a passadas a treinar.

Deste modo, parece inevitável concluir que o número cabalístico de 10 000 horas de prática não pode ser aplicado ao hóquei alemão e, logicamente pode-se concluir que a relação entre horas acumuladas de prática e a *expertise* deverá ser questionada sempre que se faça uma averiguação neste campo.

Ninguém nega o facto de a prática constituir um factor essencial para atingir a *expertise* até porque, se um miúdo tiver uma predisposição para jogar futebol, e nunca jogar, com certeza que não vai ser um talento, um *expert* (Gomes, 2008). Contudo, a convicção de que a prática é não só condição necessária, mas também suficiente para suscitar a *expertise* de um jogador, é alvo de debate.

Diversos são os factores enunciados na hora de definir o caminho para a excelência em futebol, tais como o número de horas de treino por semana, por ano e no total da formação do indivíduo. Considera-se por isso, uma relação positiva entre o número de anos de prática e a expressão do rendimento (Ericsson, 1996). Contudo, a nossa preocupação alonga-se, além da quantidade de prática, e assim, manifestar que aquele que mais pratica obtém melhores prestações, é uma concepção simples demais para uma questão tão complexa (Singer & Jenelle, 1999)

## **2.2. Formação**

A formação do jogador de futebol é um processo a longo prazo que, até se alcançar os mais elevados níveis de desempenho desportivo (a equipa sénior) exige que o jovem passe por vários momentos de formação. Por isso, torna-se importante racionalizar o percurso, desde os primeiros momentos até aos mais elevados níveis de desempenho. Deste modo, Pereira (1996) defende, que a formação é a base do alto rendimento e a este nível o treino surge como epicentro de todo o processo.

### **2.2.1. A construção do talento**

O futebol é um fenómeno complexo e com características bem singulares. Não sendo entendido como um fenómeno que aparece de um dia para o outro, é entendido como fenómeno que deve ser construído e que deve ter como base a formação.

Assim sendo, boa parte do futuro dos futebolistas decide-se na infância (Cruyff, 2002) ou seja, é já um dado adquirido que as actividades realizadas pelo jogador durante os anos iniciais do seu desenvolvimento exercem grande influência sobre o que poderá vir a ser no futuro, e que por isso é também o ambiente a produzir talentos.

Deste modo, Mesquita (2000) refere que para um conveniente processo de formação de desportistas, o treino deve-se guiar por princípios didáctico-metodológicos, acrescentando que por esse motivo, o processo de treino deve ser entendido como um processo de Ensino-Aprendizagem, uma vez que, o nível de aquisições das matérias se encontra dependente de quem as aprende (os jogadores) e também da competência de quem ensina (o treinador), os principais intervenientes de qualquer processo de Ensino-Aprendizagem.

### **2.3.1. Formação desportiva**

A formação desportiva de um atleta não apresenta um conceito claro nem consensual, talvez por não se tratar de um processo simples. A formação do jovem praticante, é pois, bastante complexa, versátil e extremamente dinâmica.

Contudo, parece reunir alguma unanimidade por parte de alguns conhecedores a ideia de que a formação é base do alto rendimento e que neste domínio o treino se assume como o motor de todo o processo. Estes autores classificam a formação no desporto como a palavra-chave deste século (Garganta, 1996).

Deste modo, a formação desportiva deve contribuir para a formação global das crianças e jovens através de circunstâncias que favoreçam o desenvolvimento das suas capacidades.

Pacheco (2001) realça então, que a formação desportiva deve ser sustentada como “um processo globalizante, que visa não só o desenvolvimento das capacidades específicas (físicas, tático-técnicas e psíquicas) do futebol, como também a criação de hábitos desportivos, a melhoria da saúde, bem como a aquisição de um conjunto de valores, como a responsabilidade, a solidariedade e a cooperação, que contribuem para a formação integral dos jovens”.

Parece-nos claro que a formação desportiva com crianças e jovens é actualmente um requisito incontestável no futebol, tal como menciona Proença (1984, p.51) “todo o indivíduo é portador, à nascença, de um determinado potencial genético cuja expressão está directamente dependente das experiências ou vivências que lhe são proporcionadas”. É alicerçada nestas palavras que se torna importante que a formação desportiva comece prematuramente na vida da criança e acabe numa etapa avançada, para que sejam alcançados objectivos claros e distintos para cada etapa do processo.

De igual reflexão, Mesquita (1997) defende que “a formação deverá ocorrer o mais cedo possível, mas sempre com respeito pelas leis de treino e pelo estadio de desenvolvimento do atleta”.

Estas afirmações fazem-nos então, acreditar que os benefícios da actividade desportiva adequada, iniciada em idades precoces, independentemente da especialidade desportiva, são incontestáveis.

Todavia como este processo não acontece naturalmente, Adelino et al. (2000) e Pacheco (2001) defendem que ao treinador dos escalões juvenis cabe o cumprimento dos seguintes objectivos específicos:

- (i) Conhecer os jovens que treina, desenvolvendo as premissas necessárias para que alcancem, em cada etapa o nível óptimo do seu desenvolvimento;
- (ii) Contribuir para o desenvolvimento das capacidades específicas (técnico-táticas e psíquicas) do Futebol, de acordo com as capacidades e a necessidades dos jovens;
- (iii) Contribuir para uma formação geral e integral do cidadão comum.
- (iv) Promover o gosto e o hábito pela prática desportiva regular, proporcionando prazer e alegria nos jovens praticantes, através das actividades a desenvolver;
- (v) Desenvolver nos praticantes uma atitude positiva de participação e persistência, definindo para cada um objectivos realistas;
- (vi) Orientar correctamente as expectativas dos jovens, valorizando fundamentalmente o esforço e o progresso na aprendizagem, colocando em primeiro lugar os seus interesses só depois as vitórias da equipa.

O treino e a formação de jovens jogadores é pois, um processo a longo prazo, que deve visar a construção de uma memória dinâmica. Os objectivos do treino passarão, então por fazer do atleta um ser pensante, que entenda o que tem de fazer nos diferentes momentos de jogo.

Popper (1991), citado por Garganta (2001), afirma que, para que os nossos sentidos nos digam alguma coisa, temos que possuir conhecimento prévio, isto é, para podermos ver uma “coisa”, temos de saber o que são “coisas”.

### **2.2.2. Agentes desportivos (pais, treinadores, dirigentes desportivos)**

Tem vindo a ser evidenciados os perigos decorrentes da especialização precoce no treino de jovens, parecendo que um dos principais motivos que

conduz a tais cenários, consiste em reproduzir nos jovens aquilo que se faz nos adultos, tanto ao nível do treino como da competição, um desajuste que conduz geralmente a situações de abandono da prática (Pacheco, 2001; Marques, 2005). De acordo com Marques (2005) as principais causas de especialização precoce são (i) a ausência de formação dos treinadores; (ii) pressões por parte dos pais, dirigentes e dos *mass media*; (iii) busca de resultados imediatos; (iv) fenómenos de aceleração biológica e (v) sistema de competições ajustado.

Embora se verifique, actualmente, uma preocupação muito grande em contrariar a obstinação da especialização precoce, Michels et al. (2001) entende que se continua a verificar a existência de actividades de treino para crianças altamente descontextualizadas e que se verifica a prevalência de processos de treino infantis mecanizados de um padrão motor que, quanto a nós, reduz a actuação do ser que joga e lhe retira a imaginação, a criatividade e o prazer da auto-descoberta.

Deste modo, muitas das actividades de treino hoje em dia apresentadas, são altamente descontextualizadas, com dominância da dimensão física, tornando-se conseqüentemente pouco inspiradoras e motivantes para os jovens, despertando assim nas últimas décadas, um crescente abandono, desinteresse e insatisfação por parte dos jovens relativamente à prática desportiva, urgindo deste modo, a emergência de novas propostas, mais aliciantes, consolidadas na simplicidade, satisfação e sucesso (Lopes, 2007).

Muitos jovens perdem, deste modo, o gosto pelo desporto por influência dos adultos – treinadores, dirigentes e pais – para os quais o desejo de vitórias a curto prazo nas competições, continua a ser o objectivo primário, subvertendo toda a lógica de programas que deveriam estar centrados na formação e esquecendo que a alegria, satisfação e prazer de participar são requisitos fundamentais do desporto infantil e juvenil (Adelino et al., 2000 e Marques 1997: p.17).

Segundo Mesquita (1997), a obtenção de resultados imediatos não pode constituir preocupação prioritária para o treinador, na medida em que a aprendizagem não deve ser orientada por rendimentos imediatos, sob a pena de se estar a comprometer a formação e a evolução do jovem praticante.

É certo que resultado da competição faz parte integrante do jogo, tanto para as crianças como para os adultos, a vitória é sempre muito valorizada, no entanto, a importância que ela assume para os jovens em formação pode e deve ser alvo da atenção do treinador. De acordo com Adelino et al. (2000) “ganhar é, um objectivo importante mas não se pode tornar-se num fim em si mesmo, nem constituir o único critério de êxito”.

Esta irracionalidade dos responsáveis técnicos e familiares, não deve, pois, continuar a prevalecer no Futebol, uma vez que provoca uma pressão negativa e o desapontamento nos jovens jogadores, quando os resultados previstos não são alcançados, levando, deste modo os jovens ao abandono.

Deste modo, e segundo Pacheco (2001), o Futebol Infanto-Juvenil deverá ser uma escola de jogadores de Futebol. Tal como a escola tradicional, pretende dar uma formação académica aos cidadãos para que mais tarde possam vir a ser integrados numa vida activa, a escola de Futebol pretende dar a formação adequada aos jovens futebolistas, para que mais tarde possam vir integrar as suas equipas seniores. Esta meta é crucial e define todo o sentido da formação, uma vez que com a chegada sénior, se completa um ciclo desportivo na vida do jogador, e que para os clubes traz um importante contributo ao nível desportivo e financeiro.

Neste domínio, os dirigentes não podem ser os únicos a intervir. A intervenção é complexa e os pais têm um papel principal. Como elucida Sousa (2007), referindo-se ao Futebol de formação: “os agentes com mais influência são os pais do jovem atleta, os dirigentes do clube onde é praticante, os professores da escola e obviamente os treinadores”. De facto, através do apoio financeiro e

emocional que proporcionam, a presença da família é fundamental e torna-se sem sombra de dúvida um dos elementos chave para o envolvimento das crianças no desporto (Rowley, 1986 cit. por Gilroy, 1993).

Contudo, como refere Sousa (2007), é importante educar bem, entender o que se passa pela cabeça do jovem, assim como a forma como estes captam informação transmitida pelos adultos e não pressionar os jovens jogadores com obtenção de resultados desportivos. Sousa (2007) refere ainda, que por vezes os pais, em vez de se focalizarem nas qualidades dos filhos nas suas capacidades e tentarem perceber o que devem fazer para ajudar, alguns pais adoptam uma crítica destrutiva que acaba por deitar abaixo a autoconfiança dos filhos.

Segundo Almeida (2005), reconhecendo que os pais podem, por vezes, tornar-se um grande problema, é urgente que os clubes assumam a responsabilidade da educação dos pais dos seus atletas, para que o rendimento e o desenvolvimento desportivo dos seus filhos não seja prejudicado pelos seus comportamentos. Os pais têm que ser informados e formados acerca de qual deve ser o papel e a responsabilidade da família no envolvimento do desporto do seu filho (Byrne, 1993).

Assim a experiência desportiva do jovem jogador será muito mais agradável e terá muito mais sucesso para todos se as relações entre treinadores, crianças e pais forem cultivadas de forma cuidadosa (Byrne, 1993).

### **2.2.2. Etapas da Formação**

Como refere Ferreira & Queirós (1982) o futebol, como uma das modalidades mais praticadas por jovens de diversos escalões etários, deverá estar adaptado às diferentes exigências de cada idade, exigindo uma planificação por parte dos técnicos, para que haja um trabalho consciente e profissional onde tudo o que se faça tenha explicação e um fim pré-identificado.

Deste modo, parece-nos importante expor, os pensamentos de diversos autores nas diversas etapas de formação desportiva que um jovem percorre no seu trajecto, até ao escalão sénior.

### **Dos 12/14 (escalão de Juniores C ou iniciados) aos 14/ 16 anos de idade (escalão de Juniores B ou Juvenis)**

Esta é uma fase de transição na adolescência devido à entrada na puberdade, trazendo necessariamente implicações ao nível do treino. De acordo com Ferreira (1983: p.46) e Garfia & Buñuel (1998: p.38) esta etapa da formação deverá respeitar os seguintes princípios:

- (i) O treino não deve ser orientado para a obtenção de rendimentos máximos imediatos. Porém, além destes autores, Trillo et al., (1995: p.52), Fuentes-Guerra & Buñel (1998: p.65), Bompa (1999), Pacheco (2001), defendem que nesta etapa, se deva iniciar a especialização num desporto;
- (ii) Grau de complexidade superior à etapa anterior (grupos pequenos/médios e diminuição progressiva dos espaços) e número elevado de repetições dos exercícios táctico-técnicos.
- (iii) Desenvolver as acções táctico-técnicas com e sem oposição em situações reduzidas (porém, sendo o futebol uma modalidade cujas acções são essencialmente de natureza aberta, a presença de oposição é fundamental para garantir a imprevisibilidade das situações de jogo).
- (iv) Na fase final desta etapa (15/16 anos), deverá privilegiar-se o treino específico:
  - Selecção progressiva das técnicas individuais ofensivas e defensivas para a realização de tarefas e funções específicas;
  - Rigor na execução dos exercícios táctico-técnicos;

- Utilização de situações reduzidas (acções táctico-técnicas individuais e colectivas);

(v) Realizadas com oposição e de natureza específica.

Com a entrada na fase de puberdade, deve manter-se o respeito pelas leis de crescimento e desenvolvimento motor do jovem, assim como a continuidade de aperfeiçoamento da lateralidade, de modo a que no final desta etapa o trabalho do lado forte e do lado fraco seja realizado em equivalência.

Segundo Barata (1999, p: 33) “o treino relativo dos aspectos coordenativos mantém uma importância determinante até ao final da puberdade”. Segundo o mesmo autor, esta fase representa também, um período de melhoria da força e da velocidade, devido ao desenvolvimento muscular que se vai processando na sequência das alterações hormonais que aumentam os níveis de testosterona e estrogénios. Por sua vez Dantas (2003) refere que os jovens desportistas apresentam uma superior tolerância ao lactato entre os 12 e 15 anos, o que poderá explicar o repentino desenvolvimento das capacidades condicionais nestas idades.

Durante esta fase segundo Bompa (1999) pode-se introduzir formalmente o treino mental e utilizar exercícios mais complexos para melhorar a concentração e o controlo da atenção. Esta evolução no domínio psicológico resulta pois, de um “aumento da capacidade de reflexão abstracta e da capacidade de concentração por períodos mais longos”. Barata (1999: p.32)

### **Dos 16 aos 18 anos de idade (escalão de Juniores A ou Juniores)**

Esta etapa definida por Ferreira (1983: p.50) e Garfia & Buñel (1998: p.39) como etapa de Aperfeiçoamento, antecede a entrada dos jogadores para equipa sénior, e visa os seguintes objectivos:

- (i) a preparação tático-técnica aponta para a obtenção de rendimentos altos a médio prazo, com base em treinos cada vez mais específicos;
- (ii) aumento da complexidade dos exercícios, devido á sua estrutura e maior velocidade de execução;
- (iii) treino específico das técnicas apropriadas às tarefas e funções táticas a desempenhar em jogo (Bompa, 1999). Os jogadores vão-se especializando por posições, no ataque e na defesa;
- (iv) trabalho em grupos pequenos e médios com alternância de espaços (maiores ou menores). No entanto, se a complexidade aumenta nesta fase, os exercícios deveriam ser realizados com maior número de elementos, em relação à etapa anterior;
- (v) utilização de situações reduzidas (acções tático-técnicas individuais e colectivas): com oposição e de natureza específica (por sectores do campo e da equipa).

No que diz respeito às capacidades motoras do jovem, Barata (1999: p.33) refere que o aumento dos níveis da hormona testosterona, permite uma intensificação do trabalho de natureza anaeróbia. Por isso, esta é uma fase apropriada para o desenvolvimento da força, da potência muscular e da velocidade (máxima e resistente), tal como refere o autor, “esta fase é sem dúvida um dos momentos mais adequados para o treino das capacidades condicionais e motoras, pois verifica-se uma resposta positiva à generalidade dos estímulos de treino na sequência do processo de crescimento e maturação que se aproxima do seu final.”

Bompa (1999) aponta esta idade, como um marco de aperfeiçoamento motor do jovem, devido ao aumento da capacidade de acumulação do ácido láctico (maior capacidade para realizar treino anaeróbio). Contrariamente, Barata (1999: p.33), salienta que o crescimento rápido que antecedeu este período etário origina grandes perturbações da motricidade (equilíbrio e coordenação),

o que vai seguir-se num novo estádio de readaptação às novas características corporais de nível estrutural, orgânico e fisiológico.

### **2.3.3. Estruturação do Futebol profissional**

A formação do Futebol Profissional e as exigências de rendimento nele impostas, levaram a que, actualmente, a formação de jogadores de futebol se tornasse um aspecto indispensável para que no futuro possam surgir jogadores de rendimento superior, fornecendo recursos humanos aos próprios clubes.

Deste modo a formação de jogadores de futebol requer conhecimentos ao nível da metodologia de treino da modalidade e também muita paciência e muita capacidade de motivação do praticante (Leal & Quinta, 2001).

Como já verificamos, os jovens jogadores são submetidos a um processo de treino e de competição regular, onde são avaliados pelo seu desempenho. Se os jovens demonstram possuir capacidades/qualidades para prosseguir, vão percorrendo os vários escalões até atingir o escalão sénior.

Num estudo realizado por Vieira (2004), verifica-se que os coordenadores dos departamentos de formação eram unânimes em relação aos objectivos da formação. Para Paul et al. (2004, cit. Por Vieira, 2004), o principal objectivo da formação é formar jogadores de alto nível, com possibilidade de integração numa equipa sénior. Se tal for conseguido, prescinde-se de contratar jogadores ao estrangeiro, e deste modo, não se despende grandes verbas, pois os próprios têm qualidade de permanecer no plantel principal. Outro objectivo referido por Paul et al. (2004), citado por Vieira (2004), é rentabilizar o investimento realizado na formação dos jovens, vendendo-os a clubes estrangeiros.

Por outro lado, como a equipa principal não tem lugar para todos os jovens provenientes dos escalões de formação, o empréstimo ou parcerias com outros clubes são soluções viáveis para uma posterior reintegração na equipa sénior,

assegurando deste modo o futuro destes recursos (Silva, 2004; Graça, 2004 cit. por Vieira, 2004).

#### **2.2.4. O Futebol como formação integral dos jovens**

O Futebol é uma modalidade que nos parece cooperar para os benefícios da educação e formação integral das crianças e dos jovens, dada à importância que este fenómeno possui no panorama da cultura desportiva contemporânea (Garganta e Pinto, 1995). Contudo, na formação integral dos jovens atletas, existem diferentes ambientes (clube, família, escola, amigos) que influenciam de forma persistente os atletas para obter o sucesso, ou insucesso, na vertente escolar e desportiva (Martins, 2005).

Prova dessas influências é a exposição mediática realizada aos futebolistas profissionais que torna muito aliciante esta carreira para os jovens jogadores. Esta opção, por vezes, tem como resultado a falência da carreira académica, o que se revela negativo, principalmente se o jovem por qualquer motivo não alcança o profissionalismo. Gomes (2004) salienta que “seria bom que estes jovens estudassem e obtivessem as máximas competências possíveis para se tornarem homens mais preparados para a vida, independentemente de triunfarem ou não no futebol”, até porque, apenas 5% dos profissionais de futebol do nosso país não necessitará de desenvolver outra actividade. Os outros 95% têm de adoptar outra profissão para sobreviver. Amealharam algum dinheiro, mas deixaram de estudar muito cedo (Carraça 2003). Deste modo deveremos, formar antes de mais, os homens e depois, segundo as oportunidades, os jogadores (Persone, 1987).

Cruyff (2002) refere mesmo, que o Futebol se apresenta como uma boa escola de formação, dando um contributo relevante para a maturação da personalidade de cada um. Partilhando e corroborando deste modo as palavras

de Albert Camus (s/d, cit. por Lobo, 2002) quando salienta que foi no campo, a jogar Futebol que aprendeu tudo o que conhece acerca da moral dos Homens.

As histórias de vida dos jogadores de Futebol, e os relatos que estes fazem das mesmas, nos quais salientam a importância do Futebol na sua formação enquanto pessoas, ajudam a suportar a ideia que o Futebol pode apresentar um potencial educativo e formativo muito significativos.

Deste modo, o Futebol deverá ser, então, entendido como um espaço capaz de contribuir para a formação integral dos jovens, o que se por um lado aumenta o estatuto, acarreta-lhe simultaneamente responsabilidades acrescidas, para as quais, tantos clubes, como treinadores, e outros agentes desportivos terão de estar preparados, pois só deste modo, corresponderão às expectativas dos educadores que incubem o Desporto e o Futebol, da responsabilidade de contribuírem para a formação dos seus educandos, e por conseguinte, de contribuírem para a construção do futuro das sociedades.

Assim, o aumento de responsabilidades a este nível, implica quanto a nós, da parte dos intervenientes neste processo, a interiorização da seguinte advertência de Bento (2007, p:51), o desporto não quer apenas ver aumentado a sua prática, quer que ela seja conforme os padrões defensores de qualidade educativa.

Por outro lado, a expressão máxima das capacidades do jogador requer também condições óptimas de preparação e realização. Vale (1998, cit. Santos, 1998) menciona que, aliados às qualidades do praticante existem outros factores que são condicionantes de qualquer política desportiva de formação, nomeadamente, a qualidade do ensino/treino, a qualidade do quadro competitivo e a qualidade de infra-estruturas. Sá (2005), acrescenta aos factores referidos por Vale (1998), as qualidades humanas, não só do praticante, mas também dos treinadores, directores, pais, espectadores, e

ainda, um outro factor determinante nos dias de hoje: a criação de um Projecto de Formação composto por princípios e referências.

## **2.4. Percurso Desportivo e Resultados Desportivos**

Relativamente à análise do percurso e resultados desportivos denotou-se que muitos dos bons resultados apresentados pelos referidos talentos em escalões de formação não se equivaleram em idades seniores. Corroborando desta afirmação, Fonseca & Rolim (2004) num estudo centrado na análise dos rankings femininos de atletismo, concluiu que quanto mais elevado é o escalão mais difícil é aparecer entre os melhores, e que a maioria das atletas que estavam no top dos escalões de formação entre 1986 e 1990, não obtiveram esses resultados no escalão sénior.

Num estudo análogo, Brito et al. (2004) analisaram atletas do sexo feminino que se encontravam entre as melhores no escalão sénior entre 1996 e 2000, concluindo que grande parte destas atletas estava presente entre as melhores nos escalões de formação, nomeadamente nos escalões de iniciado e juvenil. Contudo esta presença é mais baixa quanto menor for o escalão apreciado. Na análise dos resultados obtidos, embora grande parte das atletas consideradas tenham estado entre as melhores nos escalões de formação, continua a haver lugar entre as melhores do escalão sénior para atletas que não se tenham destacado nos escalões de formação.

Comparativamente ao mesmo estudo, os autores concluíram que o êxito obtido nos escalões de formação não apresenta garantias quanto ao êxito futuro, ou seja, apenas uma minoria das atletas estudadas confirmou no escalão sénior os resultados obtidos nos escalões de formação (Brito, 2002; Brito et al., 2004).

Consolidando esta linha de pensamento, num estudo longitudinal redigido por Nagorni (1978, cit. por Bompa, 2000), realizado com atletas soviéticos de diversos desportos, incluindo o futebol, concluiu-se que os atletas que obtiveram

as suas melhores performances no escalão júnior, realizaram uma especialização em idades muito baixas e estas performances nunca foram evidenciadas quando competiam no escalão sénior (acima de 18 anos), chegando mesmo na sua maioria a abandonar o desporto antes desta idade. Contrariamente, os atletas que se evidenciaram em escalões seniores a nível Nacional e internacional, nunca foram Campeões Nacionais quando competiam nos escalões mais jovens. Parece evidente que os altos resultados desportivos de atletas nos vários escalões jovens, não é pronuncio de grandes êxitos no escalão sénior ou na “elite” do desporto.

No entanto os atletas que na última etapa da sua formação (Juniore) manifestaram bons resultados têm boas possibilidades de presença nos escalões seniores e de elite.

Podemos enquadrar este pensamento ao estudo realizado por Schumacher, et al. (2006) sobre o êxito no ciclismo de elite, no qual 29,4% dos atletas de top tinham participado em Campeonatos Mundiais de Juniores, e que 34% dos participantes nos Campeonatos Mundiais de Juniores mais tarde participaram nas grandes competições de elite.

Corroborando também desta ideia Cafruni et al. (2006) num estudo sobre os altos resultados desportivos de atletas brasileiros ao longo da preparação desportiva a longo prazo, concluíra que na sua primeira etapa (preparação inicial), os atletas evidenciaram uma baixa percentagem de altos resultados. Na segunda etapa, (preparação preliminar de base), a presença de altos resultados predomina entre os atletas. Durante a terceira etapa (preparação especializada de base), os atletas têm a maior percentagem de altos resultados.

Relativamente a variados desportos, o mesmo estudo também concluiu, que todos os atletas revelaram uma predominância de altos resultados durante a terceira etapa da preparação desportiva a longo prazo demonstrando deste modo, grande importância aos elevados resultados neste período de preparação

(Cafruni, 2002; Cafruni et al., 2006). De acordo com este questionável processo, Platonov (1994) pondera que o treino de crianças e jovens deve ser planeado de forma, a que estes alcancem os máximos resultados numa idade ideal. Contudo, no caso dos atletas excelentes e acima da média, estes resultados podem ocorrer prematuramente.

Relativamente à idade ideal para se atingir os máximos resultados, Filin (1996) considerando os Desportos Colectivos, refere que no Basquetebol masculino, a zona dos primeiros altos êxitos ocorre dos 18 aos 21 anos, a zona das últimas possibilidades ocorre dos 22 aos 25 anos, e a zona da manutenção dos altos resultados ocorre dos 26 aos 28 anos, já no caso do Basquetebol feminino, a primeira zona sucede dos 16 aos 18 anos, a segunda zona sucede dos 19 aos 23 anos e a terceira zona sucede dos 24 aos 25 anos. Relativamente ao Futebol masculino, os primeiros altos êxitos acontecem dos 17 aos 21 anos, as últimas possibilidades acontecem dos 22 aos 26 anos e a manutenção dos altos resultados acontece dos 27 aos 28 anos.

### **CAPÍTULO III – Objectivos e Hipóteses**



### **3 Objectivos e Hipóteses**

#### **3.1. Objectivo Geral**

O presente estudo tem como objectivo geral verificar a qualidade da formação de jogadores de Futebol, no contexto específico da ilha de São Miguel, que se formaram nos clubes e/ou selecções da Associação de Futebol de Ponta Delgada (AFPD), e que chegaram a integrar uma equipa da Divisão Nacional no escalão sénior.

#### **3.2. Objectivos Específicos**

Os objectivos específicos propõem-se:

- Verificar quantos jogadores atingiram a excelência, ou seja, estão ou estiveram presentes numa Divisão Nacional nos escalões seniores.
- Verificar quantos jogadores evidenciaram participações nos escalões de formação mas não atingiram a excelência, isto é, não foram jogadores numa Divisão Nacional nos escalões seniores.
- Verificar quantos jogadores atingiram a excelência (presença numa Divisão Nacional no escalão sénior) evidenciando uma iniciação prematura na formação desportiva.

#### **3.3. Hipóteses**

De acordo com os objectivos específicos formula-mos as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: Existe uma percentagem muito reduzida de jogadores que se iniciaram nos escalões primários da formação e atingiram as Divisões Nacionais no escalão sénior.

Hipótese 2: Existe uma reduzida percentagem de jogadores que não se iniciaram prematuramente na formação e atingiram as Divisões Nacionais no escalão sénior.

Hipótese 3: Existe uma percentagem significativa de jogadores que iniciaram prematuramente a sua formação e não atingiram as Divisões Nacionais no escalão sénior.

## **CAPÍTULO IV – Material e Métodos**



## **4 Material e Métodos**

Neste capítulo, procedemos à apresentação dos aspectos metodológicos considerados relevantes para a realização deste trabalho.

Assim, após a caracterização da amostra utilizada neste estudo, são apresentados os instrumentos utilizados e explicada a respectiva forma de aplicação. A terminar o capítulo, indicamos os procedimentos estatísticos adoptados.

### **4.1. Amostra**

A amostra do presente estudo foi constituída por 1.596 jogadores masculinos nascidos entre 1985 e 1990, que estavam inscritos nos vários escalões de Futebol na AFPD entre as épocas 1999/2000 até Setembro 2009, nas Divisões pertencentes á Associação requerida (Divisão Distrital, 3<sup>a</sup> Divisão e 2<sup>a</sup> Divisão).

#### **4.1.1. Caracterização da amostra**

Através das inscrições recolhidas na AFPD, foi possível caracterizar a amostra em função da idade, tempo de prática, o número de inscrições de jogadores por escalão, como demonstrado no quadro 3.

### **4.2. Procedimentos Metodológicos**

#### **4.2.1. Autorizações**

Para a aplicação do estudo, começámos por contactar a AFPD e após o seu consentimento deslocámo-nos às suas instalações para recolher toda a informação.

#### 4.2.2. Recolha de Dados

Pelos dados recolhidos na AFPD foi possível caracterizar a amostra, através da ficha de inscrição do atleta em função da idade, da longevidade na modalidade, número de jogadores inscritos entre as épocas 2000/2001 a Setembro de 2009, como demonstra o quadro 1e 2.

**Quadro 1:** Número de jogadores inscritos na AFPD nascidos entre 1985 e 1990 nas as épocas de 2000/2001 até Setembro de 2009.

Total de Jogadores - 1596	Ano de nascimento dos jogadores					
	1985	1986	1987	1988	1989	1990
Nº de Jogadores	246	263	251	288	279	269

**Quadro 2:** Distribuição dos jogadores por escalão, inscritos na AFPD nascidos entre 1985 e 1990 nas as épocas de 2000/2001 até Setembro de 2009.

Épocas	Escalões					
	Juniores E	Juniores D	Juniores C	Juniores B	Juniores A	Seniores
2000/2001	73	393	442	243	-	-
2001/2002	-	431	467	404	-	-
2002/2003	-	249	432	382	156	-
2003/2004	-	-	458	391	283	2
2004/2005	-	-	236	380	295	23
2005/2006	-	-	-	395	302	49
2006/2007	-	-	-	214	288	91
2007/2008	-	-	-	-	293	125
2008/2009	-	-	-	-	151	149
Set. 2009	-	-	-	-	-	164

**Quadro 3:** Distribuição dos jogadores seniores por Divisão, inscritos na AFPD nascidos entre 1985 e 1990 nas épocas de 2000/2001 até Setembro de 2009.

	Divisões		
	Divisão Distrital	3ª Divisão	2ª Divisão ou 2ª Divisão B
Número de jogadores	101	43	19

#### 4.2.3. Instrumentos

Em virtude da informação que desejávamos recolher estar organizada através de um programa informático específico, só foi possível aceder a todos os dados em formato papel, pelo que, tivemos de proceder à sua transcrição para o computador, onde criámos uma base de dados no programa *Microsoft® Office® Excel 2007*.

Esta base de dados foi organizada em colunas (campos) e em linhas (registos). Às colunas fizemos corresponder o nome completo dos jogadores, o nome pelo qual são conhecidos, a data de nascimento e os escalões onde foram obtidas as respectivas inscrições. Às linhas fizemos corresponder o número inscrições dos jogadores pelos respectivos escalões.

#### 4.3. Procedimentos Estatísticos

Para o tratamento estatístico dos dados recorreremos ao *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS®)* versão 15.0 para o Windows®.

Neste programa criámos uma base de dados com os dados provenientes do *Microsoft® Office® Excel 2007*. Após estar concluída a base de dados fizemos uma análise de percentagens através da estatística descritiva.



## **CAPÍTULO V – Apresentação dos Resultados**



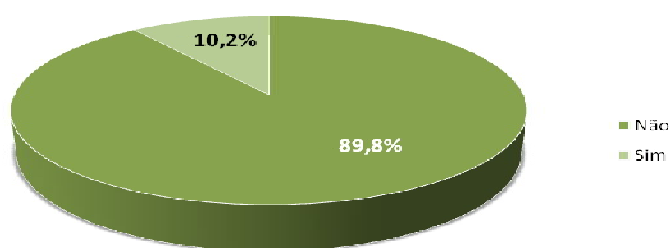
## 5 Apresentação dos Resultados

### 5.1. Jogadores nascidos entre 1985 e 1990 que foram inscritos numa equipa sénior nas épocas 2004/2005 até Setembro de 2009

Relativamente ao número de jogadores que alcançaram uma equipa sénior podemos verificar através do quadro 3 e 4, e da figura 1, que de um total de 1596 (10.2%) jogadores nascidos entre 1985 e 1990 inscritos entre as épocas 2000/2001 até Setembro de 2009 apenas 163 alcançaram o escalão sénior. Contrariamente, 1433 jogadores abandonaram a actividade ou foram dispensados ao abarcar o escalão sénior o que equivale a 89.8% dos jogadores que estiveram inscritos em equipas de Futebol na formação.

**Quadro 4:** Número de jogadores que atingiram o escalão sénior, nascidos entre 1985 e 1990 nas épocas 2004/2005 a Setembro de 2009.

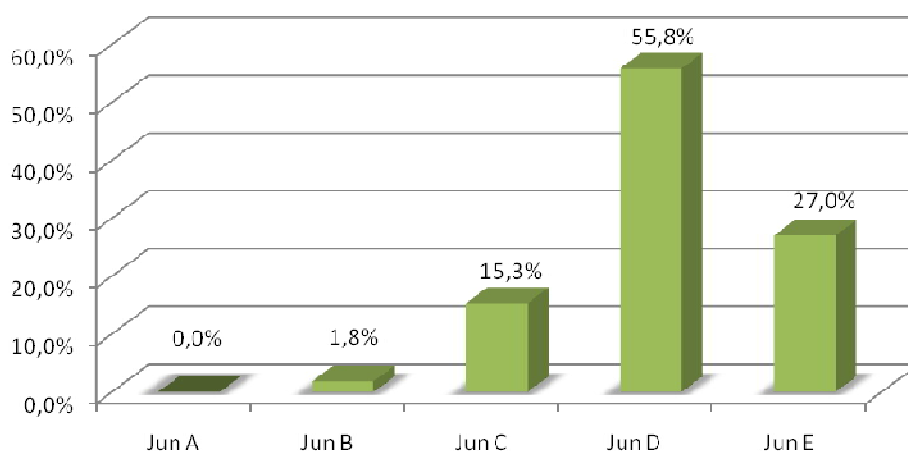
		Ano de nascimento						Total
		1985	1986	1987	1988	1989	1990	
Nº de Jogadores	Jogadores inscritos em todos os escalões	246	263	251	288	279	269	1596
	Jogadores que atingiram o escalão sénior	19	33	29	34	29	19	163



**Figura 1:** Percentagem de jogadores inscritos nas Divisões Nacionais no Futebol sénior.

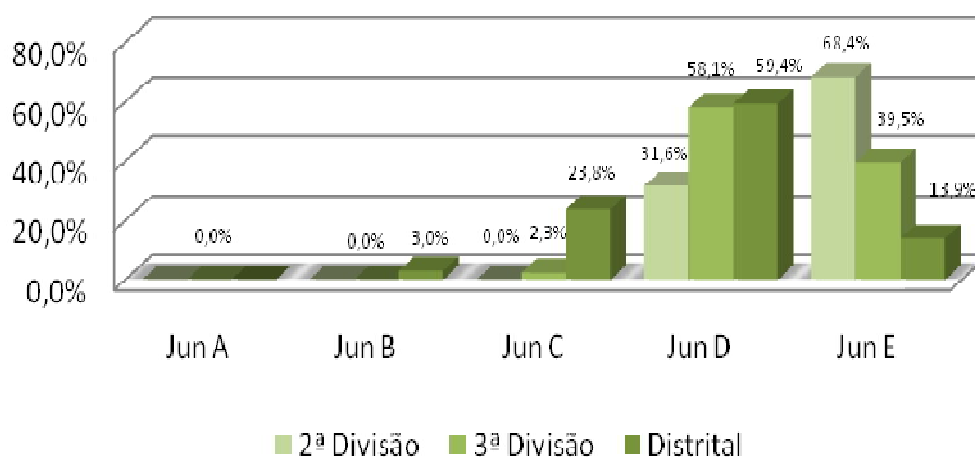
## 5.2. Escalão em que os jogadores do escalão sénior iniciaram a sua prática

Na figura 2, podemos observar em que escalões do Futebol Jovem, os jogadores que atingiram uma equipa sénior iniciaram a sua formação desportiva nesta modalidade.



**Figura 2:** Escalões em que os jogadores inscritos nas Divisões do Futebol sénior nascidos entre 1985 e 1990, iniciaram a sua formação desportiva.

Analisando os escalões nos quais, os jogadores iniciaram a sua formação desportiva, observamos que a grande maioria dos jogadores que alcançou o escalão sénior, iniciou a sua formação no escalão Júnior D (55.8%). Podemos também aferir, uma percentagem considerável de jogadores que iniciaram a sua prática federada nesta modalidade no escalão Júnior E (27.0%) e que 15.3% dos jogadores começou a sua formação desportiva nos Juniores C. Contrariamente, uma pequena percentagem dos jogadores (1.8%) iniciou a sua experiência no escalão Júnior B e uma nula percentagem dos jogadores que se iniciaram nesta modalidade nos Juniores A.



**Figura 3:** Relação do Início de prática dos jogadores, com as Divisões Nacionais alcançadas no Futebol sénior.

No que concerne à relação entre a Divisão alcançada e o início da formação desportiva da modalidade, podemos aferir através da figura 3, que a maioria dos jogadores que atingiram a 2ª Divisão Nacional iniciou a sua prática no

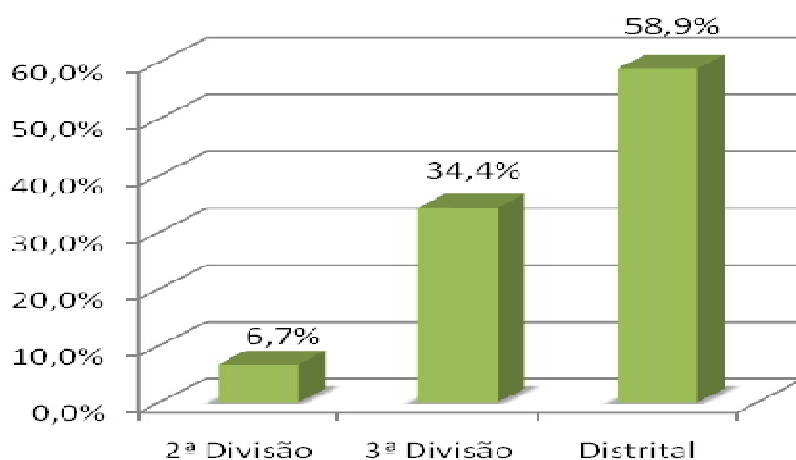
Futebol federado no escalão Júnior E com 68.4% dos jogadores ou no escalão Júnior D com 31.6% dos jogadores. Este gráfico ajuda-nos também a perceber que nenhum jogador que atingiu esta Divisão, iniciou a sua formação nesta modalidade depois do escalão de Júnior D.

Em relação aos jogadores que atingiram a 3ª Divisão Nacional podemos confrontar, que nenhum dos jogadores iniciou o Futebol federado, após o escalão Júnior C. Por outro lado, estes jogadores, na sua maioria, iniciaram a sua prática no escalão júnior D (58.1%) e no escalão Júnior E com 39.5% dos jogadores.

No que diz respeito aos jogadores da divisão Distrital, esta figura expõe que a sua grande maioria, 59,4% dos jogadores iniciou a sua prática no escalão Júnior D, apresentando ainda alguma relevância nos escalões Júnior C e Júnior E, apresentando 23.8% e 13.9% dos jogadores, respectivamente. Aferimos também uma reduzida percentagem de jogadores que iniciou a sua prática no escalão Júnior B, 3.0% dos jogadores.

### **5.3. Divisão que os jogadores que atingiram no seu primeiro ano de sénior**

Na figura 4 podemos apurar quais as Divisões (2ª Divisão Nacional, 3ªdivisão Nacional, Divisão Distrital) alcançadas pelos jogadores nascidos entre 1985 e 1990 no seu primeiro ano como seniores.



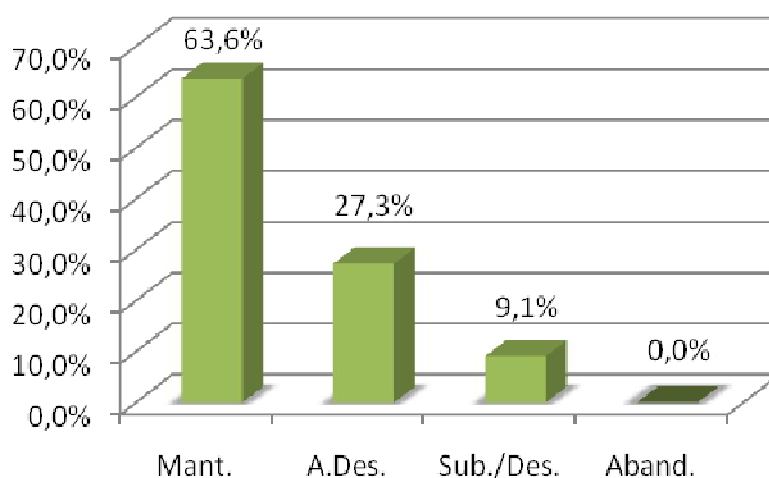
**Figura 4:** Divisões Nacionais alcançadas no primeiro ano de Futebol sénior com jogadores nascidos entre 1985 e 1990.

A grande maioria dos jogadores no seu primeiro ano de sénior atingiu uma equipa da Divisão Distrital (58.9%). Observamos também que 34.4% dos jogadores alcançaram uma equipa da 3ª Divisão Nacional, tendo uma pequena percentagem de jogadores (6.7%), obtido a 2ª Divisão Nacional no seu primeiro ano de sénior (figura 4).

Relativamente às figuras 5, 6 e 7, averiguamos os feitos dos jogadores, após o primeiro ano de sénior permanecerem numa equipa de 1ª Divisão, 2ª Divisão ou Divisão distrital, ou seja, se conseguiram atingir uma equipa de uma Divisão superior ou, baixar a uma equipa de uma Divisão inferior.

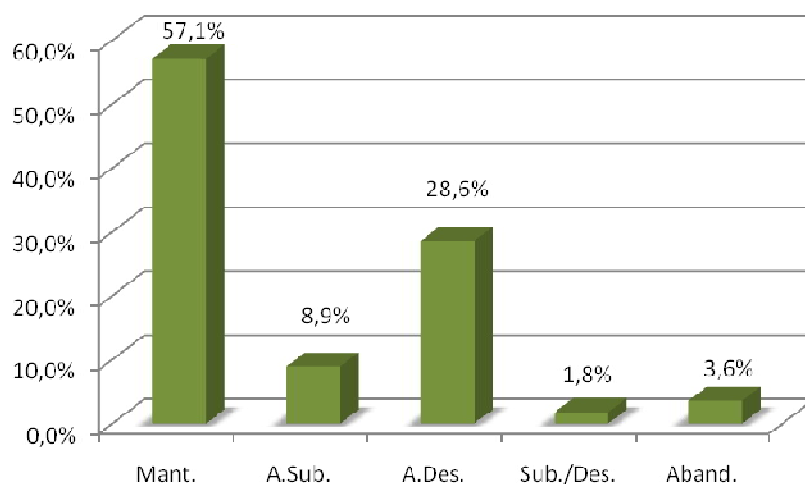
Na figura 5 estão apresentadas as percentagens dos jogadores que após o seu primeiro ano de sénior militaram numa equipa da 2ª Divisão nacional e se: (i) mantiveram numa equipa da mesma divisão (Mant.); (ii) apenas desceram a uma equipa de uma divisão inferior (A. Des.); (iii) desceram ou subiram a divisões diferentes (Sub./Des.); (v) abandonaram a prática federada nos anos subsequentes (Aband.).

È de referir que na figura 5, não obtemos valores de jogadores que militaram numa equipa de divisão superior (Super Liga ou II Liga) após o seu primeiro ano de sénior na 2ª Divisão Nacional, pois estas Divisões não estão associadas a AFPD, e sim, à Liga de Futebol não sendo possível analisar estes jogadores.



**Figura 5:** Divisões alcançadas pelos jogadores, após o primeiro ano de Futebol sénior numa equipa da 2ª Divisão Nacional.

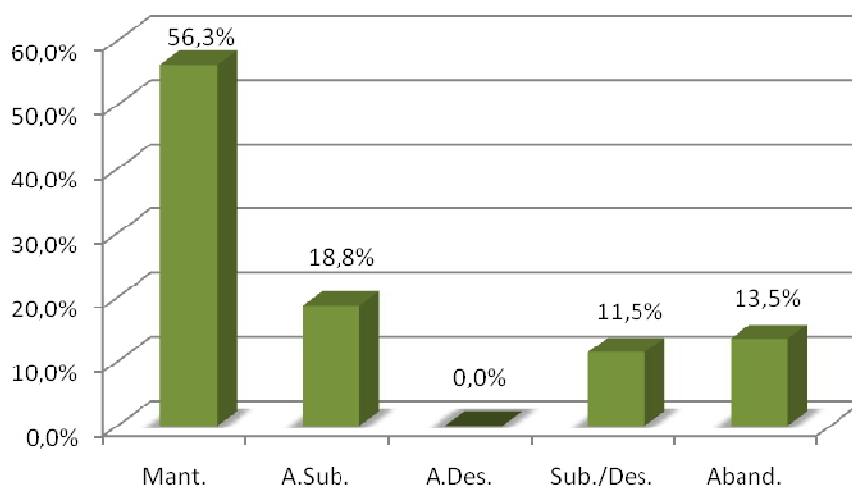
Na figura 6 estão apresentados os valores percentuais dos jogadores que após serem inscritos numa equipa da 3ª Divisão Nacional no seu primeiro ano de sénios: (i) se mantiveram na 3ª Divisão (Mant.); (ii) apenas subiram a uma equipa da 2ª divisão Nacional. (A. Sub.); (iii) apenas desceram a uma equipa de Divisão Distrital (A. Des.); (iv) subiram ou desceram às diferentes divisões (Sub./Des.); (v) abandonaram o Futebol federado nos anos seguintes (Aband.).



**Figura 6:** Divisões alcançadas pelos jogadores, após o primeiro ano de Futebol sénior numa equipa da 3ª Divisão nacional.

Relativamente à figura 7, é possível observar, as percentagens dos jogadores que após militarem numa equipa da divisão Distrital no seu primeiro ano de sénior: (i) se mantiveram numa equipa da divisão Distrital (Mant.); (ii) apenas subiram a uma equipa militante de divisões superiores (A. Sub.); (iii) alternaram, (subiram e voltaram a descer à divisão Distrital (Sub./Des.); (v) abandonaram a modalidade nos anos seguintes (Aband.).

A coluna dos jogadores que apenas desceram de divisão (A. Des.), tem valores nulos pois, nos Açores, no Futebol Federado, o escalão mais baixo é a divisão Distrital, não existindo, deste modo, uma divisão inferior à referida, assim sendo, não poderá existir uma descida de divisão por parte de um jogador.



**Figura 7:** Divisões alcançadas pelos jogadores, após o primeiro ano de Futebol sénior numa equipa da Divisão Distrital

Ao compararmos o primeiro ano de sénior alcançado pelos jogadores e os seguintes anos de sénior dos jogadores (o nosso estudo apenas abrange no máximo os 5 primeiros anos de sénior destes jogadores), aferimos que a maioria dos jogadores inscritos no seu primeiro ano de sénior em todas as divisões estudadas (2ª divisão, 3ª Divisão e Divisão Distrital) tem a tendência de se manter nos anos seguintes nas Divisões inicialmente alcançadas. Isto é 63.6% dos jogadores permaneceram na 2ª Divisão, 57.1%, na 3ª Divisão e 56.3% mantiveram-se na Divisão Distrital.

Observamos também que a tendência de os jogadores baixarem de Divisão é praticamente igual da 2ª divisão Nacional (27.3%) para a 3ª divisão Nacional (28.6%). Aferimos também que 18.8% dos jogadores da Divisão Distrital apenas subiu de Divisão após o primeiro ano de sénior, superando assim, os 8.9% dos jogadores que apenas subiram a uma Divisão superior na 3ª Divisão Nacional.

No que diz respeito aos jogadores que alternaram de divisão, isto é, que subiram e desceram, ou, desceram e subiram de Divisão, verificamos que

11.5% dos jogadores inscritos nesta Divisão estão inscritos na Divisão Distrital. Apenas 1.8% dos jogadores da 3ª Divisão Nacional alternaram de Divisão enquanto na 2ª Divisão Nacional 9.1% dos jogadores alternaram de Divisão.

Por fim, é de realçar o incremento de abandonos da modalidade, consoante mais baixa seja a Divisão estudada. A Divisão Distrital com 13.5% de abandonos e a 3ª Divisão Nacional com 3.6% de abandonos (figura 5,6 e 7).



## **CAPÍTULO VI – Discussão dos Resultados**



## 6 Discussão dos Resultados

### 6.1. Jogadores nascidos entre 1985 e 1990 que foram inscritos numa equipa sénior nas épocas 2004/2005 até Setembro de 2009

Dos jogadores estudados nascidos entre 1985 e 1990 que passaram pelas camadas jovens do Futebol de formação, apenas uma percentagem muito diminuta (10.2%) atingiu o escalão sénior (figura 1). Num total de 1596 jogadores, apenas 62 jogadores alcançaram ou, estão presentes numa equipa sénior na 2ª ou 3ª Divisões Nacionais (quadro 3 e 4).

Estes dados corroboram com o estudo realizado por Fernandes (2004), que analisou 17 diferentes clubes pertencentes á AFPD, com o objectivo de verificar a existência de dificuldades na concretização dos respectivos projectos de formação. Segundo o autor, estas dificuldades eram sentidas ao nível da pouca sensibilidade demonstrada pelos órgãos superiores, das infra-estruturas, da qualidade da formação dos técnicos de escalões de formação, do modelo de treino e do modelo de exercícios. A falta de aposta na formação de jogadores de Futebol na ilha de São Miguel levou a que actualmente surgissem poucos jogadores de rendimento superior naturais da “terra”, não conseguindo desta forma fornecer recursos humanos aos próprios clubes da ilha.

Como refere Filin (1996) os primeiros altos êxitos dos jogadores de Futebol acontecem dos 17 aos 21 anos e as últimas possibilidades acontecem dos 22 aos 26 anos. Deste modo, os resultados alcançados no nosso estudo não são animadores, pois grande parte dos jogadores por nós estudados já não se incluem na faixa etária dos 17 aos 21, e um menor número de jogadores encontra-se entre os 22 e os 26 anos, ou seja, dentro das últimas possibilidades de obter êxito. Apoiando os nossos resultados Fonseca e Rolim (2004) concluíram no seu estudo e análise dos rankings Femininos de Atletismo, que

quanto mais elevado é o escalão, mais difícil é aparecer entre os melhores e que a maioria das atletas que estavam no top dos escalões de formação entre 1986 e 1990, não obtiveram esses resultados no escalão sénior.

Corroborando da nossa revisão bibliográfica, a formação de jovens jogadores de Futebol, deve então ser assumida pelos clubes, mas sem pretensões de realizar um processo instantâneo e repentino.

O processo de formação deve ser algo pensado e realizado a longo prazo, para que, assim se formem jogadores maduros e preparados para o futebol de alto nível. Para tal, ao nível da formação, é necessário eliminar ou reduzir lacunas de formação, onde sobram os exemplos de Juniores de elite que se transformam em seniores banais (Leal & Quinta, 2001). A formação desportiva dos atletas, é pois, um processo a longo prazo e como tal, deve ser estruturada e organizada segundo um conjunto de pressupostos e princípios (Raposo, 2006).

No entanto, vemos muita gente a não saber distinguir as várias competições e os objectivos associados, afirmando, por exemplo, que o grande objectivo é ganhar os jogos e o de formar campeões. Esta linha de pensamento é infelizmente muito usual em vários treinadores, dirigentes e pais, para os quais o desejo de vitórias a curto prazo nas competições, continua a ser o grande objectivo. No entanto, como refere Adelino et al. (2000) os programas nestas idades devem estar centrados na formação, e nos requisitos fundamentais do desporto infantil e juvenil (alegria, satisfação e prazer de participar). A vontade de ganhar faz com que variadíssimas vezes se utilizem formas de ensinar e treinar incorrectas, que fomentam a possível assimilação de “erros” técnico-tácticos que posteriormente custam a alterar, e que se poderão reflectir na competição (Pacheco, 2001). Queimar etapas e antecipar alguns conteúdos de preparação, é condenar a evolução do atleta, impedindo-o de manter uma margem de progressão ao longo dos anos (Raposo, 2006).

Segundo Marques (1998), os jovens jogadores submetidos a este processo não

atingem, muito provavelmente, nas etapas posteriores os rendimentos prognosticados. Vivem um tempo mais reduzido de rendimento superior e muitos nem chegam a essas fases porque esgotam prematuramente a sua capacidade de prestação abandonando o treino e acabando a carreira desportiva mais cedo.

Por este motivo e seguindo a linha de pensamento de Fernandes (2004), o tempo destinado à formação, de aproximadamente oito a dez anos, compreende um ciclo importante na trajectória do futebolista, mas que convém que seja reproduzida de forma alicerçada, opondo-se à simples reprodução do desporto adulto, devendo caracterizar-se por um processo que contribua para a formação global dos mesmos (Lima, 1988).

Concluimos assim que uma parte fundamental do desempenho superior que caracteriza os *experts* tem muito a ver com o treinador e a qualidade do seu trabalho. É importante perceber que o papel do treinador é de inegável valor desde os primeiros tempos em que o indivíduo se envolve numa modalidade.

## **6.2. Escalão em que os jogadores do escalão sénior iniciaram a sua prática**

A partir dos resultados obtidos no nosso estudo podemos observar que a grande maioria dos jogadores que atingiu ou está vinculado numa equipa sénior, iniciou a sua formação, no escalão Júnior D (55.8%) ou no escalão Júnior E (27.0%).

Nos resultados obtidos, podemos também conferir a baixa percentagem de jogadores (1.8%) que iniciaram a sua experiência inicial na modalidade no escalão Júnior B, e que nenhum jogador se iniciou nesta modalidade no escalão dos Juniores A.

De um modo geral, relativamente à importância fundamental da prática para se atingir a *expertise*, as respostas aos resultados apresentados, estão de acordo com os dados obtidos por alguns autores anteriormente citados (Navarro, 1989; Marque, 1991; Erickson, 1993; Marques & Oliveira, 2001), pois estas frisam a iniciação prematura dos jogadores no Futebol de Formação, o que revela os vários anos de prática e experiência que os jogadores adquiram ao longo dos diversos anos, até atingirem uma carreira desportiva no escalão sénior.

Vários são os autores que afirmam que a qualidade é, sem dúvida, mais importante que a quantidade. Porém, não deixam de afirmar que os anos de experiência são fundamentais para se atingir o alto nível e, portanto, não deixam de concordar com Ericsson (1996) quando considera, uma relação positiva entre o número de anos de prática e a expressão do rendimento.

Deste modo, a formação desportiva deverá ser iniciada o mais cedo possível, tendo como base a qualidade do processo de treino e da intervenção das pessoas que orientam a formação. Por outro lado, iniciar cedo a preparação desportiva não é necessariamente sinónimo de especialização precoce (Marques, 1991), desde que sejam respeitadas as leis do treino e o processo de desenvolvimento do atleta (Mesquita, 1997). O facto de em todas as modalidades desportivas se iniciar a preparação desportiva cada vez mais cedo revela-se positivo, constituindo um processo permanente de vários anos, com objectivos claros e distintos para cada uma das fases do processo (Marques, 1991).

Reforçando o nosso pensamento, Bauersfeld (citado por Marques & Oliveira, 2001: p.3), refere que uma das principais vias de desenvolvimento das carreiras dos atletas de alto nível, para a construção a longo prazo da prestação desportiva, implica um “início em idade baixa (entre os 6 e os 12 anos) da prática de uma actividade desportiva regular diversificada, seguida da especialização num desporto (normalmente entre os 12 e os 15 aos) para a qual se manifestam condições de obtenção de sucesso”.

Ackerman (1998, cit. Garland & Barry, 1990) acrescenta ainda, que a prática extensiva e consistente é chave para melhorar o rendimento e alcançar a perícia.

### **6.3. Divisão que os jogadores que atingiram no seu primeiro ano de sénior**

Analisando os resultados obtidos verificamos que a grande maioria dos jogadores no seu primeiro ano de sénior atingiu a Divisão Distrital (58.9%). Podemos também apurar que 34.4% dos jogadores alcançaram a 3ª Divisão Nacional, tendo apenas uma pequena percentagem de jogadores (6.7%), obtido a 2ª Divisão Nacional no seu primeiro ano de sénior.

Como referimos anteriormente, comparando os nossos resultados com o estudo de Filin (1996), estes valores são preocupantes, pois a percentagem tende a diminuir quanto mais alta for a Divisão estudada, ou seja, quando estudamos o número de jogadores de uma Divisão mais próxima da divisão de elite, menor é a percentagem obtida de jogadores que conseguem alcançar este nível.

Ao analisar os resultados obtidos após o primeiro ano de sénior, verificamos que existe uma permanência na divisão inicialmente alcançada pelos jogadores. Lembramos que o nosso estudo apenas abrange no máximo os 5 primeiros anos de sénior destes jogadores, isto é, verificamos que 63.6% dos jogadores permaneceram na 2ª Divisão Nacional, 57.1%, na 3ª Divisão Nacional e 56.3% se mantiveram na Divisão Distrital. Aferimos também que 18.8% dos jogadores da Divisão Distrital apenas subiu de Divisão após o seu primeiro ano de sénior, superando assim, aos 8.9% dos jogadores que apenas subiram a uma equipa divisionária superior à 3ª Divisão Nacional.

Estas permutas de Divisão podem também ser corroboradas com o estudo de Filin (1986), relativamente ao Futebol masculino, pois, como refere o autor, as

últimas possibilidades acontecem dos 22 aos 26 anos. Nesta margem de idades incluem-se alguns dos jogadores por nós estudados (jogadores nascidos em 1983 a 1985). Concluímos assim que a percentagem de atletas que surge nos escalões seniores é maior, quanto mais baixo é o escalão de formação iniciado.

Assim sendo, boa parte do futuro destes futebolistas decide-se na infância (Cruyff, 2002), ou seja, é já um dado adquirido que as actividades realizadas pelo jogador durante os anos iniciais do seu desenvolvimento exercem grande influência sobre o que poderá vir a ser no futuro e que por isso é também o ambiente a produzir talentos.

É de realçar também o incremento de número de abandonos da modalidade, consoante mais baixa seja a Divisão estudada. A Divisão Distrital apresenta 13.5% e a 3ª Divisão apresenta 3.6% de abandonos. Este fenómeno pode ser explicado pela desmotivação da prática devido à grande frequência de derrotas sorfidadas pelos jovens (Martens, 1998, p.13). Estes jovens podem começar a desenvolver uma tendência para temerem o insucesso, o que está na origem da ansiedade, da insegurança que eles sentem relativamente às suas próprias capacidades. É este o grupo de praticantes que, muitas vezes, é mais difícil de motivar, mas aquele que, ao mesmo tempo, mais precisa da intervenção do treinador.

O Futebol de formação, prende-se precisamente com a ideia de que sem Futebol de base é impossível alimentar o Futebol de rendimento superior (Sousa, 2007). De acordo com Sousa (2003), na perspectiva de um clube formador, seria benéfico que houvesse uma grande relação entre os escalões de formação e a equipa sénior, porque no fundo o clube está a formar jogadores para o escalão superior (Oliveira, 2003). Se for conseguido, não é necessário despender grandes verbas a contratar jogadores ao estrangeiro pois os próprios têm qualidade para permanecer no plantel principal. Por outro lado, o facto de os clubes apostarem nos jovens da casa tem um contributo

positivo também para os mesmos. Pois, um jogador que sai das camadas jovens está sempre mais identificado com a equipa, com a instituição, as cores, a história e os demais valores que não se deveriam perder (Mathé, 2003).

Reforçando esta mesma linha de pensamento, Pacheco (2001) salienta que a aposta séria na formação de jogadores parece ser o caminho a seguir para assegurar uma posição de destaque no actual mundo do Futebol.



## **CAPÍTULO VII – Conclusões e Sugestões**



## 7 Conclusões e Sugestões

### 7.1. Conclusões

Finalizado o nosso trabalho, poderemos apresentar algumas conclusões relativas ao estudo realizado, focando a temática a que propusemos analisar.

Em termos gerais, apenas uma reduzida percentagem de jogadores que integrou a formação, atingiu a excelência numa equipa sénior numa Divisão Nacional:

- (i) A maior percentagem dos jogadores iniciou a sua formação no escalão de júnior C, Júniores D e nos Júniores E (15,3% nos Júniores C; 55,8% nos Júniores D; 27,0% nos Júniores E).
- (ii) A menor percentagem dos jogadores iniciou a sua formação nos Júniores A e nos Júniores B (1,8% nos Júniores B; 0,0% nos Júniores A).
- (iii) Uma média de 10,2% dos jogadores nascidos entre 1985 e 1990 atingem o escalão sénior (nas Divisões pertencentes à AFPD e FPF).

Uma percentagem bastante considerável dos jogadores que passaram pelo escalão de formação (89.2%), nunca foram inscritos numa equipa sénior.

A grande maioria dos jogadores no seu primeiro ano de sénior atingiu a Divisão Distrital (58.9%).

Podemos também apurar que 41.1% dos jogadores alcançaram uma Divisão Nacional, onde 34.7% dos jogadores alcançaram a 3<sup>o</sup> Divisão Nacional e 6.7% dos jogadores alcançaram a 2<sup>a</sup> Divisão Nacional.

Após o seu primeiro ano de sénior, os jogadores em todas as Divisões estudadas (2<sup>a</sup>divisão, 3<sup>a</sup> Divisão e Divisão Distrital), permanecem nos anos seguintes nas suas Divisões (63.6% dos jogadores na 2<sup>a</sup> Divisão; 57.1%, dos jogadores na 3<sup>a</sup> Divisão e 5.,3% dos jogadores na Divisão Distrital)

## **6.2. Sugestões**

O presente ponto possui elevado relevo num estudo de carácter científico, na medida em que o conhecimento tem a necessidade de se complementar cada vez mais. Na procura de respostas para determinar perguntas emergem outras perguntas equacionadas num contexto mais profundo. Existe sempre algo mais para compreender e para desenvolver. Deste modo, após alguns pontos de partida criados no nosso estudo, é importante que o mesmo tema seja desenvolvido e aprofundado, de forma a torná-lo mais completo.

Procederemos a sugestões de investigação no âmbito da “Análise dos jogadores de Futebol inscritos na Associação de Futebol de Ponta Delgada”, com o objectivo de prolongar e melhorar este nosso ponto de partida. Neste sentido, serão sugeridas as possíveis investigações:

A análise dos jogadores de Futebol nas Associações de Futebol de Angra do Heroísmo e da Associação de Futebol da Horta. Para que deste modo, obtermos conclusões a nível das nove ilhas do Arquipélago dos Açores.

A análise dos jogadores de Futebol nascidos nos Açores nas Divisões profissionais (2ª Liga e Super Liga).

## **CAPÍTULO VIII – Referências Bibliográficas**



## 8 Referências Bibliográficas

Adelino, J.; Vieira, J.; Coelho, O. (2000). *Treino de Jovens. O que todos precisam de saber*. Lisboa. CDED.

Almeida, P. (2005). *Como se faz um futebolista?* Notícias Magazine, 25 de Julho de 2005, 25-35.

Barata, A. (1999). O treino das capacidades condicionais em jovens desportistas. *Treino Desportivo*. Nº Especial: 31-34.

Baker, J.; Horton, S.; Robertso-Wilson, J. & Wall, M. (2001). Nuturing Sport Expertise: factors influencing the development of elite athlete. *Journal of Sports Science and Medicine*; 2: 1-9.

Baur, J. (1993). Ricerca e promozione Del talento nello sport. *Revista di cultura sportiva*, suplemento da SdS; 28-29: 4-20.

Bento, J. O. (2007). *Em defesa do desporto*. In J. O. Bento & J. M. Constantino (Eds.), *Em defesa do desporto - mutações e valores em conflito*. Coimbra: Edições Almedina, SA.

Bompa, T. (2000). *Total Training for Youg Champions: Proven conditioning programs for athletes ages 6 to18*. Champaign, IL: Human Kinetics.

Bompa, T. (1999). *Periodization: Theory and Methodology of training* (4ª ed.). Champaign, IL: Human Kinetics.

Brito, N. (2002). *O percurso desportivo no atletismo: Análise centrada nos rankings femininos*. Porto: N. Brito. Dissertação de Mestrado apresentada à faculdade de Ciências do desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Brito, N.; Fonseca, A. M. & Rolim, R. (2004). Os melhores atletas nos escalões de formação serão igualmente os melhores atletas no escalão sénior: Análise centrada nos rankings femininos das diferentes disciplinas do atletismo ao longo das ultimas duas décadas em Portugal. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 4(1), 17-28.

Byrne, T. (1993). *Sport: It's a Family Affair*. In Marin Lee (Ed.), *Coaching Children in Sport* (pp. 39-47). London: E & FN Spon.

Carraça, A. (2003). Os jogadores e o negócio do Futebol. *Magazine Doze*, Ano I, nº22, p. 82.

Cafruni, C. (2002). *Análise da Carreira Desportiva de Atletas Brasileiros: Estudo da Relação entre o processo de formação e rendimento desportivo*. Porto: C. B. Cafruni. Dissertação de Mestrado apresentado à faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Cafruni, C.; Marques, A. & Gaya, A. (2006). Análise da carreira desportiva de atletas de regiões sul e sudoeste do Brasil: Estudo dos resultados desportivos nas etapas de formação. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 6(1), 55-64.

Costa, R. (2005) *O caminho para a expertise – a Prática deliberada como catalisador do processo de formação dos experts em futebol*. Monografia de Licenciatura. FCDEF-UP. Porto

Cruyff, J. (2002). *Me gusta el Fútbol*. RBA Libros. Barcelona.

Ericsson, K. (1996). The acquisition of expert performance: An introduction to some of the issues. In K Eriksson (Ed.). *The road to excellence: The acquisition of expert performance in the arts and sciences, sports, and games*. Mahwah, NJ: Erlbaum: 1-50.

Dantas, E. (2003). *A prática da preparação física*. (5ª Ed.). Rio de Janeiro. Shope Editora e Promoções, Lda.

Ericsson, K. A., Krampe, R. T., & Tesch-Römer, C. (1993). The Role of Deliberate Practice in the Acquisition of Expert Performance. *Psychological Review*, 100(3), 363-406.

Ericsson, K. & Starkes (2003). *Expert performance in sports: advances in reaserch on sport expertise*. Janet L. Stakes, K. Anders Ericsson, editors.

Ericsson, K. Anders & Smith, J. (1991). *Toward a general theory of expertise: Prospects and limits*. Ed K. A. Ericsson e Jacqui Smith. Cambridge University Press, New York.

Fernandes, J. (2004). *O processo de Formação de jogadores de futebol na ilha de SãoMiguel (Açores): Que realidade?*. Trabalho monográfico realizado na disciplina Seminário, Opção de Futebol, FCDEF-UP.

Ferreira, J.; Queiroz, C. (1982). Metodologia do futebol da formação à alta competição. *Futebol em Revista*. 11: 25-32.

Fuertes-Guerra, F.; Bunuel, P. (1998). Aspectos básicos de lá iniciación desportiva. *Fútbol cuadernos técnicos*. (11): 57-71.

Filin, V. P. (1996). Inteligência emocional. Lisboa: Temas e Debates – Actividades Editoriais Lda.

Garland, D. & Barry, J. (1990). *Sport expertise: the cognitive advantage perceptual and motor skills*, 70, 1299-1314.

Garfia, F.; Buñuel, P. (1998). La iniciacion al futbol: propuesta metodológica e aplicaciones prácticas. *Fútbol cadernos técnicos*. (10): 34-49.

Garganta, J. (1986). *A preparação do jovem futebolista* (C.M. Oeiras ed.). Oeiras.

Garganta, J. (1996). *Modelação da Dimensão Tática do Jogo de Futebol*. In J. Oliveira & F. Tavares (Eds.), *Estratégia e Tática nos JDC* (pp. 63-82). FCDEF-UP: CEJD.

Garganta, J. (2001). Futebol e Ciência. Ciência e futebol. Educación Física y Deportes. *Revista Digital*, 40.

Garganta, & Pinto, J. (1996). Contributo da Modelação da competição e do Treino para a Evolução do Nível do Jogo no Futebol. In J. Oliveira & F. Tavares (Eds.), *Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Colectivos*: 83-94.

Gilroy, S. (1993). Whose Sport is it Anyway? Adults and Children's Sport. In Martin Lee (Ed.), *Coaching Children in Sport* (pp. 17-26). London: E & FN Spon.

Gomes, P. B. (2006). *Material de apoio da Disciplina de Didáctica do Desporto I*. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.

Gomes, M. (2008). *O Desenvolvimento do Jogar Segundo a Periodização Tática*. MCSports.

*Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (1981). Coordenação de José Pedro Machado. Sociedade de Língua Portuguesa. Amigos do Livro Editores.

Hanh, E. (1988). *Entrenamiento con niños: teoría, práctica, problemas específicos*. Barcelona, Martínez Roca.

Helsen, W. ; Hodges, N.; Winckel, J. & Starkes, J. (2000). The roles of talent, physical precocity and practice in the development of soccer expertise; 18: 727-736.

Howe, M.; Davidson, J. & Sloboda, J. (1998). Innate talents: Reality or myth? *Behavioral and Brain Sciences*, 21, 399-442.

Janelle, C. & Hillman, C. (2003). Expert performance in sport: Current perspectives and critical Issues. In: J. L. Starkes & K. A. Ericsson (Ed), *Expert performance in sports: advances in research on sport expertise*. Parte II; Chapter 2: 19-48

Leal, M., & Quinta, R. (2001). *O Treino no Futebol: Uma Conceção para a Formação*. Braga: APPACDM.

Lima, T. (1988). A formação desportiva dos jovens. *Revista Horizonte*, Vol. V, 25, 21-26.

Lobo, F. (2002). A bola e os defesas centrais. *A Bola*.

Lopes, A. P. (2007). *Se não fosse para ganhar... importancia da dimensão táctica no ensino dos jogos desportivos colectivos* (1ª ed.) porto: campo das letras, editores, s.a.

Marques, A. (1991). A Especialização Precoce na Preparação Desportiva. *Treino Desportivo* (19) 9-15.

Marques, A. (1997). A criança e a actividade física. Inovação e contexto. In Marques, A. Prista, A., Júnior, A. (Eds). *Actas do V Congresso de Educação Física e ciências dos Países de Língua Portuguesa*, Vol. I: 15-31. FCDEF-UP.

Marques, A. (1998). Crianças e adolescentes atletas: Entre a escola e os centros de treino... entre os centros de treino e a escola. In Adelino, J.; Vieira, J.; Coelho, O. (Eds). *Seminário Internacional de Treino de Jovens*: 17-30 Lisboa. CEFD.

Marques, A; Oliveira, J (2001). O treino dos jovens desportistas. Actualização de alguns temas que fazem a agenda do debate sobre a preparação dos mais jovens. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*: 1-14. Porto: FCDEF – UP.

Marques, A. (2005). *Material de Apoio da Disciplina de Teoria e Metodologia do Treino Desportivo*. Faculdade de Desporto, da Universidade do Porto.

Mesquita, I. (1997). *Pedagogia do treino: a formação em jogos desportivos colectivos*. Livros Horizonte, Lisboa

Mesquita, I. (2000) . *Pedagogia do Treino. A formação em jogos desportivos colectivos*. Livros Horizonte, Lisboa.

Oliveira, G (2003). Entrevista, em Leandro T. Modelo de Clube: Da Concepção à Operacionalização. Um estudo de caso no Futebol Clube do Porto. Dissertação de Monografia apresentada à faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.

Oliveira, J. (2004). Entre o sonho e a realidade, um mundo de expectativas e compromissos. In j. Garganta, j. Oliveira & m. Murad (eds.) *Futebol de muitas cores e sabores – reflexões em torno do desporto mais popular do mundo* (1ª ed., pp. 235-238). Porto: campo das letras.

Martens, R. (1998). Os grandes treinadores são grandes comunicadores e motivadores. In Adelino, J.; Vieira, J.; Coelho, O. (Eds). *Seminário Internacional de Treino de Jovens: 5-15* Lisboa. CEFD.

Pacheco, R. (2001). O ensino do futebol de 7: Um jogo de iniciação ao futebol de 11: GRAFISA.

Pereira, A. (1996). Futebol Juvenil em Portugal: Escola de Formação? Horizonte, XIII, nº73, 23-25.

Platonov, V. (1994). I Principi della Preparazione a Lungo Termine. In: *SDS/Rivista di Cultura Sportiva*, 30, 2-10.

Proença, J. (1998). A idade do treino de jovens. Da ética à metodologia. *Treino Desportivo*. Edição especial. Ano I. 3ª Série: 11-14

Raposo, A. (2006). A Formação Desportiva: Um processo a longo prazo – Parte I. *Revista Horizonte*, Vol XXI – 122, p.I-VIII.

Ruiz & Sánchez (1997). *Rendimiento desportivo: claves para a optimización del aprendizaje*. Madrid, Gymnos.

Sá, P. (2005). *Entrevista. In Projecto de Formação em Futebol. Um passo importante para a construção de um processo de formação de qualidade*. Estudo realizado no Departamento de Formação do Clube Desportivo Trofense. Dissertação de Licenciatura. Porto: FCDEF.

Salmela, J. (1997). Détection des talents. *E.P.S.* ; 267 : 27-30.

Shumacher, Y. O., Mroz, R., Mueller, P., Schimd, A & Ruecker, G. (2006). Success in elite cycling: A prospective and retrospective analysis of race results. *Journal of Sport Sciences*, 24(11), 1149-1156.

Singer, R. & Janelle, C. (1999). Determining sport expertise: From genes to supremes. *International Journal of Sport Psychology*, 30, 117-150.

Simon & Chase (1973). Skill in chess. *American Scientist*, 61, 394-403.

Starkes, J. (2000). The road to expertise: Is practice the only determinant? *International Journal of Sport Psychology*, 31, 431-451.

Trillo, M.; López, P.; Orta, . (1995). Metodología en la iniciación deportiva. *Futbol cadernos técnicos*. (2): 51-59.

Valdano, J. (1997). O bom jogador é um grande mentiroso. *Público*, 36.

Vieira, L. (2004). *O stress, a ansiedade e as estratégias de confronto no futebol português: estudo comparativo entre profissionais (1ª Divisão) e amadores (3ª Divisão)*. Dissertação de Licenciatura Desporto de Rendimento – Futebol. FCDEF-UP. Porto.

